

# As relações de afeto vinculadas à aprendizagem

Autora **Taís Veleda Costa\***

Orientadora **Ana Cristina dos Santos Alves\*\***

## Resumo

O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a influência das relações de afeto no processo de aprendizagem dos estudantes no ambiente escolar. A partir de pesquisa bibliográfica, buscou-se identificar as interfaces da pedagogia na perspectiva da afetividade e suas contribuições para a construção do conhecimento e para a educação de valores e das relações em geral que permeiam os espaços escolares.

**Palavras-chave:** Afetividade. Aprendizagem. Educação.

## 1 · Introdução

Sabe-se que, quando um sujeito se percebe como parte integrante de um espaço ou contexto, quando é ouvido e respeitado, aumentam as oportunidades de sucesso. Devido a esse sentimento, esse empoderamento, crescem também as oportunidades de aprendizagem em ambientes formais de educação. Desse modo, pode-se entender que é preciso romper com a tradição, ainda presente no ambiente escolar, de considerar os aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos.

De acordo com Fernández (1990), toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculado. A partir dessa perspectiva, acredita-se ser fundamental pensar em uma prática mais humana, mais coesa e que vincule, em ações, o processo cognitivo ao desenvolvimento emocional.

Assim, torna-se vital compreendermos como as relações de afeto influenciam no processo de aprendizagem dos estudantes no ambiente escolar, aprofundando o olhar sobre as infâncias e juventudes, sobre suas particularidades e necessidades, colocando a afetividade a serviço da aprendizagem. Faz-se fundamental

---

\*Pedagoga e Orientadora Educacional, dediquei parte de minha trajetória a estudos e atuação na área da Pedagogia Waldorf. Atualmente atuo na área da Orientação Educacional, atendendo as etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, do colégio Marista Ipanema

\*\*Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil Assessora da Área de Conhecimento Linguagens e Códigos da Gerência Educacional.

compreender que cada sujeito aprende de forma única e particular e que o espaço escolar necessita não apenas se ocupar das áreas denominadas acadêmicas, mas também considerar as particularidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, atentando para a integração de todos de maneira mais efetiva nas salas de aula.

Mediante a pesquisa bibliográfica realizada, pôde-se abordar o tema afetividade x aprendizagem, propiciando reflexões e provocações sobre o sujeito, seus afetos e suas emoções vinculados ao processo de aprendizagem escolar. Para tanto, compreende-se o ensino e a aprendizagem como um processo que envolve pessoas de forma global, considerando suas particularidades, suas vivências e os diferentes fatores que definem o seu potencial cognitivo, suas capacidades e seus recursos. Buscou-se, por meio do estudo desses referenciais, aproximar a dimensão afetiva da dimensão cognitiva no processo de aquisição de conhecimento.

## 2 · As relações de afeto nos processos de aprendizagem

Para Piaget (2014), a afetividade pode ser compreendida como os sentimentos propriamente ditos, em particular, as emoções, e também as diversas tendências, incluindo as “tendências superiores”, em especial, a vontade. Para o autor, em um primeiro sentido, a afetividade interfere nas operações de inteligência, estimulando-as ou perturbando-as, sendo causa de acelerações ou retardos no desenvolvimento intelectual, mas que não pode modificar as estruturas da inteligência. Em um segundo sentido, o autor refere que é possível dizer o contrário, que a afetividade intervém nas próprias estruturas da inteligência e é fonte de conhecimento e de operações cognitivas originais. A maior parte dos apontamentos atuais que buscam aproximar os processos educacionais das dimensões emocionais evidenciam conexão, aproximação e possibilidade de integração entre as emoções e a aprendizagem.

Segundo Antunes (2006, p. 05), a afetividade, pode ser compreendida como:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

Visto os processos de desenvolvimento humano, do nascimento até a idade adulta, a afetividade, os sentimentos, a inteligência e a cognição encontram-se entrelaçados e sujeitos a interferências internas e externas, contribuindo para uma formação integral, para um desenvolvimento em todos os aspectos, afetivos, volitivos, cognitivos ou interpessoais. Com base na concepção de sujeitos em desenvolvimentos, entende-se que, a todo tempo, estamos aprendendo e sentindo, conectando-nos ou afastando-nos de determinadas ideias e conceitos que se concretizam por meio de ações no mundo.

De acordo com Wallon (2007), as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer ação determinante na sua evolução mental. O autor assegura que são os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos. Na visão do autor, a afetividade evolui na medida em que as crianças se desenvolvem cognitivamente, o que torna suas necessidades afetivas mais exigentes. Pode-se complementar esse apontamento relacionando-o com o vínculo que se estabelece entre professor e estudante, no ambiente escolar, vendo este como espaço propício à aprendizagem e à relação com os diversos saberes.

Entende-se que, na medida em que as relações se estabelecem, colaboram para o aprimoramento da relação do estudante com o objeto do conhecimento, podendo contribuir para que identifique e desenvolva, com confiança, suas potencialidades. O ambiente escolar pode ser compreendido como um espaço formativo, em que se zela por relações de respeito e aceitação das diferenças, bem como pela valorização da vida e dos saberes.

A escola tem um papel fundamental na atuação em prol da qualidade das relações. Ela deve ser um espaço no qual o desenvolvimento afetivo e social também seja considerado como elemento fundamental no desenvolvimento das infâncias e juventudes, como um facilitador do aprender e do conviver. Vislumbra-se, mediante essa perspectiva, uma mudança no cenário da indisciplina, da desmotivação e do envolvimento, tanto dos estudantes quanto dos professores, tanto dos estudantes, quanto dos professores. Visto que o ensino-aprendizagem se constitui por meio da socialização do saber acumulado, entende-se que o professor que cativa o estudante possibilita o despertar deste para a tomada de posse dos instrumentos com os quais se trabalha a atividade cognitiva.

Sobre o tema, Macedo (2005, p. 95) aponta:

Aprendizagem é aquilo que nos permite descobrir as propriedades do objeto, da natureza, das pessoas, das coisas. Aprendizagem significa obter informações, desenvolver procedimentos, mudar formas de pensar, aprofundar níveis de compreensão sobre aquilo que queremos conhecer.

Tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem como um entrelaçamento de relações em que sujeitos se vinculam e produzem conhecimentos e conteúdos, pode-se dizer que é a partir das relações estabelecidas entre professor e estudante que se constitui o campo do saber escolar, compreendendo que cada sujeito carrega consigo bagagens e conteúdos prévios, adquiridos ao longo de suas vidas. Estes são sentimentos e sensações que logo também se fazem presentes no campo pedagógico.

Gómez (2014) destaca a influência que toda a nossa bagagem tem sobre o aprendiz, reforça as experiências, os sentimentos, os afetos, as vivências e as situações sociais nas quais se desenvolve o aprender. A afetividade, aqui, poderá ser compreendida como um caminho de acesso ao mundo interno do estudante, facilitando que ele venha a aprender e se desenvolver.

Entende-se que a aprendizagem é fator crucial para olhar o mundo com uma visão mais ampla sobre as coisas e as pessoas. A forma com que o ser humano aprende interfere em suas atitudes perante o outro e a si mesmo, mudando a sua forma de pensar e de agir.

### **3 · Interfaces da pedagogia na perspectiva da afetividade e suas contribuições para a construção do conhecimento**

Percebe-se que a afetividade relacionada ao aspecto da aprendizagem contribui para a construção de posturas mais significativas, de aquisição de novos saberes, do gosto por aprender e conduz ao desejo de investigar, de querer se superar, de conquistar conhecimentos, de tirar conclusões, de questionar. A afetividade permite que o sujeito se vincule ao objeto e às pessoas, que transforme, que invente e se reinvente, possibilitando a formação de novos conceitos, de novas ideias e de ações mais coerentes, consistentes e conscientes. O desenvolvimento cognitivo pode ser entendido como resultante da interação entre o sujeito e as pessoas com quem mantém contatos regulares, que, no caso da escola, são os estudantes e os professores.

Dias (2007) aponta que os currículos escolares brasileiros deveriam abordar a afetividade e defender uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, autônomas, responsáveis e amorosas. Ainda na visão da autora, o avanço da modernidade, a necessidade de sobrevivência, a mudança de papéis desempenhados pela família e as inovações tecnológicas trouxeram para a escola um novo homem, o qual necessita de uma formação baseada nos valores do grupo social. Visa-se, assim, à necessidade de se considerar o estudante em todas as suas dimensões, sejam cognitivas ou afetivas, relacionais ou espirituais, compreendendo o sujeito como um ser inteiro em constante transformação. Para tanto, faz-se necessário, estabelecer vínculos de afeto, deixar-se afetar-se por algo ou por alguém e reconhecer os trajetos da subjetividade como promotores do resgate do valor afetivo como mobilizador da aprendizagem, de seu sucesso ou de seu fracasso. Sobre o tema, Gómez (2014, p. 31) afirma:

O processo de aprendizagem já não é considerado uma ação passiva de recepção, nem o ensinamento uma simples transmissão de informação, ao contrário, hoje falamos de aprendizagem interativa, da dimensionalidade do saber. A aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo. É sempre uma reconstrução interna e subjetiva, processada e construída interativamente.

Partindo de um olhar amplo e da preposição de um currículo que atenda às necessidades dos sujeitos em todas as suas dimensões, pode-se enfatizar o entendimento de que os aspectos educacionais cognitivos e

afetivos são indissociáveis. Desse modo, entende-se a necessidade de um currículo abrangente, que contemple as competências acadêmicas, éticas, estéticas, políticas e tecnológicas. Competência aqui se traduz como a capacidade de aplicação do conhecimento em situações distintas.

Segundo as *matrizes curriculares da União Marista do Brasil* (2016), as competências são constituídas de recursos cognitivos, afetivos, sociais, psicomotores internos e artefatos externos. O documento aponta a capacidade do estudante de se apropriar de conhecimentos, contribuir para eles e mobilizá-los, estabelecendo relações em diferentes contextos, denominando-a como competência acadêmica. A competência ético-estética é entendida como a capacidade de se apropriar, construir e mobilizar valores, atitudes, linguagens e saberes, promovendo a sensibilidade, a criatividade e a alteridade e propiciando a inserção dos sujeitos em processos de aprendizagem e práticas sociais, culturais e artísticas. Por sua vez, a competência tecnológica é promotora de conhecimento e utilização de recursos tecnológicos, mobilizando linguagens e contribuindo para investigação e comunicação de saberes. Já a competência política mostra-se como mobilizadora da convivência e participação com diferentes sujeitos em contextos diferenciados.

Percebe-se uma proposta que acolhe os diferentes sujeitos, com suas “bagagens” individuais, considerando-os em todos aspectos do desenvolvimento humano. Mais do que trabalhar com conteúdos, essa proposta refere-se a uma prática humanizadora e consistente, que, ao mesmo tempo que propõe conhecimentos e aprendizagens, propicia espaço para tornar os cidadãos mais críticos e solidários. Poder compreender as diferentes competências dos sujeitos é possibilitar uma aproximação de sua própria essência, do ser inteiro, completo, complexo, criativo, capaz de atuar e de transformar.

Uma educação que contemple apenas teorias, sem possibilitar experiências de aplicabilidade no mundo, sem considerar que, além de pensar, é possível sentir, já não atende mais às necessidades atuais do mundo. É fundamental um novo olhar para a educação, visando atender às infâncias e às juventudes em suas necessidades, correlacionando os saberes com as transformações que ocorrem através dos tempos, de modo a respeitar a diversidade dos sujeitos.

A renovação metodológica, por meio de uma aproximação mais efetiva com os estudantes, contribui para a formação de seres mais saudáveis em suas relações e apontamentos, em suas leituras de mundo e sentido de vida. É vital um currículo que atenda, com afeto, aos tempos da sociedade atual, valorizando os conhecimentos e as suas aplicabilidades.

Vygotsky (1994) destaca a importância das interações sociais, ressaltando os conceitos de mediação e internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Para o autor (apud REGO, 1995), a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças, pois é ela que se apropria da experiência culturalmente acumulada, desenvolvendo o pensamento conceitual e a construção dos novos conhecimentos. É urgente considerar e assumir a concepção de que os sujeitos são

inteiros, diversos e diferentes, que se relacionam com o mundo, com os conhecimentos e com os saberes a partir de sua inteireza e singularidade.

Essa visão fundamenta-se em uma aprendizagem que compreende a pessoa como sujeito ativo em complexas e constantes interações, com suas experiências de vida, em diferentes contextos sociais. Na visão do *Projeto Educativo do Brasil Marista* (2010, p. 58), a aprendizagem pode ser entendida como:

Aprendizagem é um processo intra e intersubjetivo que produz saberes, artefatos, fazeres e identidades e se fundamenta numa visão de pessoa como sujeito ativo em complexas interações, interesses, contextos sociais e culturais e experiências de vida. É um movimento dinâmico de reconstrução do objeto de conhecimento pelo sujeito e de modificação do sujeito pelo objeto, a partir de estratégias próprias de conhecer. Neste processo, interagem dimensões formadoras, valores, saberes e conhecimentos.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997) preconizam que se desenvolva o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca por conhecimento e no exercício da cidadania. Considerando o currículo escolar como espaço aberto à escuta e compreendendo o ser humano como um ser de relações, pode-se dialogar com essa realidade e vislumbrar o sucesso do ensino realizado com afeto e da aprendizagem adquirida com afetividade como aquela que nos fortalece, que encontra sentido e significado, que se consolida.

É imprescindível um currículo que abranja e tenha como missão o desenvolvimento integral do ser humano, na busca por excelência humana e acadêmica. Assim, os professores não necessitam ser mestres apenas na academia, mas podem ser também em excelência humana, aqui compreendida como a capacidade de atuar no mundo, imbuído de valores humanos e cristãos. Os professores, desse modo, podem colaborar para a formação de um ser justo, solidário, ético, que explique amor em suas palavras e atitudes.

Em estudo sobre desenvolvimento afetivo e seu envolvimento com a inteligência, Piaget (2014) apresenta alguns pressupostos no que se refere à inteligência e à afetividade e os distingue como diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há conduta unicamente cognitiva. O autor defende, ainda, que a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-a ou perturbando-a, acelerando-a ou retardando-a, além de não modificar as estruturas da inteligência, embora atue como elemento propulsor das condutas.

Diante de tais apontamentos, pode-se concluir que, escolhendo um único caminho, reconhecendo somente a potencialidade cognitiva, estaremos anulando e desconsiderando algo de forte valor na essência humana (sentimentos/emoções), deixando de considerar os diferentes potenciais que abrangem a formação humana.

## 4 · Reflexão acerca de uma educação escolar que colabore para o desenvolvimento integral do estudante

De acordo com Mosquera e Stobäus (2016), o estudo das emoções visa desenvolver a inteligência emocional com o intuito de ampliar a possibilidade de utilizar positivamente as nossas emoções no transcurso da nossa existência. Os autores referem que, como finalidade da educação, a educação emocional é necessária para o desenvolvimento e a completude do ser humano, e, especialmente, para que aprenda a ser e a viver. Sabe-se que as experiências vividas contribuem para a formação integral dos sujeitos, podendo atuar positiva ou negativamente nesse processo. No que se refere às experiências escolares, o cenário não se transforma, podendo contribuir para o sucesso ou o fracasso escolar.

Fernández (2014) aponta que uma das hipóteses do fracasso escolar está intimamente ligada ao problema de aprendizagem reativo, ligado às vivências escolares. Refere, ainda, que os planos de prevenção escolares podem contribuir para garantia das aprendizagens, uma vez que estão vinculadas ao modelo de ensino, que também perpassa as questões do afeto. A autora entende que o problema de aprendizagem reativo afeta o aprender do sujeito em suas manifestações, sem chegar a atrapalhar a inteligência: geralmente surge a partir do choque entre o aprendiz e a instituição educativa que funciona expulsivamente. Ou seja, existe o desejo de aprender, mas não lhe foram propiciadas situações de aprendizagem viáveis.

De acordo com Mosquera e Stobäus (2016, p. 179):

temos a ideia de que, à medida que o ser humano evolui, ele pode desenvolver melhor sua autoimagem e autoestima, elementos básicos da sua personalidade e fundamentais para uma Educação que modifica o ser humano e o ajuda a construir seu autoconceito, que implica a percepção que a pessoa tem de si e como pode ir modificando seu comportamento e relacionamento com os outros, especialmente no ato pedagógico, em que professor e alunos se encontram no âmbito do conhecimento e sentimento.

Refletindo sobre o princípio de que educar é ofertar meios para que o indivíduo se desenvolva em sua plenitude, propiciando um ambiente adequado para seu desenvolvimento, cabe destacar o papel do professor como promotor de conhecimento, de valores humanos e cristãos, como aquele que, além de conteúdos, ganha a oportunidade de “ensinar” o valor e o sentido da vida.

O professor é compreendido em sua responsabilidade social e moral, como um modelo de pessoa que vai além de um modelo de saber. Quando essas relações se estabelecem, por meio do vínculo com o conhecimento, obtém-se reflexo direto na aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Cabe ao professor promover oportunidades para que essas relações ocorram.

O papel do professor frente a essa concepção influi diretamente em um sistema complexo, cuja maior preocupação não é ensinar, mas contribuir para que o estudante aprenda. A importância do papel do professor aqui descrita resume-se a uma preocupação em atender o sujeito em todas as suas dimensões, acreditando no potencial de cada um, contribuindo para despertar emoções que levem o estudante ao desejo de aprender, oferecendo tanto lições acadêmicas quanto lições para a vida. As construções realizadas pelo sujeito passam a ser possíveis por meio da interação do estudante com o seu meio, da concepção do papel do professor como um facilitador, enquanto o estudante assume a posse das ideias.

Entende-se que um ambiente possa ser propulsor de aprendizagens significativas mediante as relações que nele se estabelecem, que, no caso do ambiente escolar, é onde o professor apresenta especial responsabilidade. Como gestor do ambiente da sala de aula, o professor desempenha papel fundamental na contribuição para o processo permanente de transformação e reestruturação dos saberes, que, mediante as vivências com o meio, contribuem para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Compreende-se, assim, o desenvolvimento cognitivo como um processo de permanente transformação e reestruturação, que ocorre por meio das diversas interações com o meio, um ambiente permeado por afeto que possibilita aprendizagens mais prazerosas e significativas.

Destaca-se a importância de uma visão holística de ser humano, o qual se relaciona com as pessoas e os saberes por meio de elementos cognitivos e afetivos, tendo um como impulsionador do outro na busca por novos conhecimentos, atendo aos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

## 5 · Considerações Finais

Sabe-se que a educação de valores e das relações, em geral, mostra-se, em muitos momentos, dissociada dentro do ambiente escolar. Desse modo, é preciso romper com a tradição de considerar os aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos, fazendo-se necessário um olhar amplo para a formação e o desenvolvimento humano. É importante o reconhecimento do indivíduo como um ser complexo, munido de experiências únicas, carregado de conteúdos prévios, que devem ser considerados nesse campo pedagógico, compreendendo o sujeito como um ser social, com estruturas internas próprias, marcado por suas experiências, suas emoções, seus sentimentos e suas aprendizagens.

Considerando-se o processo de ensino-aprendizagem como um entrelaçamento de relações em que sujeitos se vinculam e produzem conhecimentos e conteúdos, pode-se dizer que é a partir das relações estabelecidas que se constitui o campo do saber escolar. Destaca-se, ainda, a importância das relações de afeto estabelecidas entre professores e estudantes, uma vez que, quando nos vinculamos a algo, somos afetados emocionalmente, e, neste caso, somos também vinculados aos conteúdos escolares e ao processo de construção de conhecimento.

Entende-se o desenvolvimento cognitivo como um processo de permanente transformação e reestrutu-

ração, que ocorre por intermédio das diversas interações com o meio social que a pessoa estabelece. Assim, um ambiente motivador e permeado por afeto possibilita aprendizagens mais prazerosas e significativas, que conduzem a uma conexão maior entre o saber/conhecer e o saber/fazer.

Considerando que o ensino-aprendizagem se constitui por meio da socialização do saber acumulado, o professor que acessa afetivamente o estudante possibilita o despertar do interesse do sujeito para que tome posse dos instrumentos com o quais se trabalha a atividade cognitiva. A afetividade, aqui, poderá servir como um caminho ao mundo interno do estudante, facilitando que ele venha a aprender.

Piaget (2014) aponta que os sentimentos não fornecem noções idênticas às noções de inteligência, porém, mostram-se interligados, enfatizando que os sentimentos podem se organizar estruturalmente e intelectualizar-se. É preciso considerar, no ambiente da sala de aula, que os sujeitos têm necessidades específicas, zelando por seu desenvolvimento integral, por suas aprendizagens e pela valorização da vida, do mundo e do outro.

Assim, conclui-se que os aspectos cognitivos e afetivos são indissociáveis no processo de ensino-aprendizagem, no campo da aquisição do saber humano, compreendendo o ser como um eterno aprendente, como alguém que não somente pensa, mas que também sente. Pretende-se, por este estudo, propiciar momentos reflexivos ao grupo de professores, com o intuito de contribuir para prevenção do desinteresse acadêmico, do baixo rendimento escolar e de possíveis prejuízos emocionais e nas relações interpessoais.

## Referências

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

DIAS, Marli Mendes. **O lugar da afetividade no cotidiano escolar**. São Paulo: 2007. Disponível em: <[http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver\\_opinião.php?](http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opinião.php?)> Acesso em: 02 fev. 2017.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. **Dificuldades de aprendizagem**: detecção e estratégias de ajuda. Cultural S.A, 2014.

MACEDO, Lino de. **Ensaio pedagógico**: como construir uma escola para todos? São Paulo: Artmed, 2005.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. A cognição e a afetividade no ato pedagógico: aspectos propositivos para a educação marista. In: BONHEMBERGER, Marcelo; MENTGES, Manuir (Orgs). **Educação Marista**: perspectivas e desafios. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997. Disponível em: <[portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)>. Acesso em: 27 fev. 2017.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Organização e tradução do original SALTINI, Cláudio J.P.; CAVENAGHI, Doralice B. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Matrizes curriculares da Educação Básica do Brasil Marista**: área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Curitiba: PUCPR, 2016.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista**: nosso jeito de conceber a educação Básica. Brasília: Umbrasil, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 5. ed. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.